
INTERPRETAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL DE UM GRUPO DE SURDOS

A NONVERBAL COMMUNICATION INTERPRETATION OF THE DEAF

ROSILÉA ALVES NOGUEIRA¹

JOSELANY ÁFIO CAETANO¹

LORITA MARLENA FREITAG PAGLIUCA²

As pessoas surdas desenvolvem um sistema próprio de comunicação não oral. Podem se utilizar da Língua Brasileira de Sinais ou de gestos e expressões corporais que têm significados próprios para elas. Os profissionais de saúde, via de regra, não dominam esta comunicação, dificultando a interação com estas pessoas. As autoras procuram interpretar os elementos não verbais utilizados por um grupo de surdos da Associação de Surdos do Ceará, sediada em Fortaleza. Para alcançar tal propósito, filmaram um grupo por um período de 30 minutos, enquanto as pessoas estabeleciam interação. Em seguida, o conteúdo foi analisado sob a ótica de Bardin. Os elementos não verbais foram categorizados em duas temáticas: signos e comportamentos. Quanto aos signos observamos que a forma de afirmar ou negar são universais; existe exacerbação da expressão facial; gestos acompanhados de movimentos labiais e a impossibilidade do sigilo dos assuntos abordados. Já na temática comportamento percebeu-se que há uma participação de todos os componentes do grupo, porém a comunicação é diluída em subgrupos em alguns momentos da interação. A visão exerce o papel de estabelecimento do emissor-receptor da mensagem na interação e o toque dá ênfase na chamada da atenção do outro. Os resultados mostraram o grande potencial da comunicação não verbal e a necessidade do uso de outros veículos de comunicação, além da fala durante a interação com este grupo.

UNITERMOS: Comunicação; Surdez.

The deaf person develops a non-oral self-communication system. They can use Brazilian sign language or body expressions to get through special meanings in their communication. Health professionals, in general, do not know very well this kind of communication as a result the interaction with these people is more difficult. The authors of this study try to interpret the nonverbal elements used in the interaction of a deaf group of the Deaf Association of Ceará, in Fortaleza. For this communication they filmed a group for 30 minutes while they were communicating. Then, the content was analyzed under Bardin's optic. The nonverbal elements were distinguished in two subjects: sign and behavior. The study showed that positive and negative communications are made in universal way; there is exacerbation of face expression, there are gestures accompanied by lip movements and there are impossibilities to keep secret on the discussed subjects. While we were observing the behavior, a participation of all the elements of the group, but the communication is dissolved in sub-groups in some moments of the interaction. The vision plays a role of establishment of the emitter-receiver of the message in the interaction and the touch of the emphasis in the flame of the other's attention. The results show the great potential of the nonverbal communication and the necessity of the use other means of communication, beyond the speech during the interaction in this group.

KEY WORDS: Communication; Deafness.

¹ Enfermeira – Mestranda da Universidade Federal do Ceará.

² Enfermeira – Doutora – Professora titular de Enfermagem Fundamental do Curso de Enfermagem da FFOE/UFC.

COMUNICANDO-SE COM OS SURDOS

A comunicação é um fenômeno social, que se processa entre muitas espécies animais e acontece em todos os momentos e em todos os lugares. Comunicar é codificar a informação em signos e mensagens, garantindo que a informação acolhida pelo recipiente se ponha de acordo com a informação remetida pelo emitente (Silva, 1996).

Apesar de não ser privilégio do ser humano e ser muito mais abrangente do que o simples ato de falar, observamos que a comunicação humana envolve aspectos inerentes à racionalidade.

Os animais se comunicam por mero instinto para reproduzirem, se alimentarem e se defenderem de inimigos. Moreira (1991) compartilha deste pensamento e afirma que eles não conseguem modificar a si próprios nem ao ambiente que os cerca. Muitas espécies animais têm as mesmas características de séculos atrás.

Porém, o ser humano se comunica de maneira diferente. Quando nos comunicamos, estamos tentando compartilhar uma informação, uma idéia, um pensamento, ou até mesmo, uma atitude. Gomes (1994) afirma que a comunicação humana deve ser entendida como um processo de interação social, democrático, baseado na utilização de símbolos pelos quais nós, seres humanos, partilhamos experiências em clima de liberdade, igualdade, diálogo e participação.

Assim como Silva (1996), a maioria dos autores concorda que o processo de comunicação é composto de emissor, receptor, mensagem e um canal de comunicação comum. O emissor ou emitente é o indivíduo que envia e o receptor é o indivíduo que recebe a mensagem. A conexão entre estes dois elementos se estabelece por um canal de comunicação, veículo ou meio pelo qual se realiza a transmissão de informação. O processo de comunicação se inicia quando o emissor envia uma mensagem ao receptor que tenta decifrá-la e entendê-la. Em seguida, o receptor emite uma resposta ao emissor e se completa o processo.

A comunicação depende da interação do emissor com o receptor e é eficaz quando a mensagem transmitida se torna comum. No entanto, este processo pode ser afetado por vários fatores. Entre eles podemos citar: o emissor não se expressa de maneira adequada; falta habilidade ao receptor para compreender a mensagem; alterações da mensagem durante a transmissão (pelo canal de comunicação); e, incongruência entre a comunicação verbal e a não verbal.

Vale ressaltar que a comunicação envolve técnicas muito sutis, onde as palavras representam uma pequena parcela desta. Davis (1979) considera que a palavra é apenas o início das relações humanas e por trás destas encontra-se o solo firme da comunicação não verbal.

Entre pessoas consideradas normais, os elementos não verbais acompanham a fala numa interação face a face. Todo esse acervo de elementos verbais e não verbais garante a coesão das relações no grupo, pois a privação de um sistema de comu-

nicação para o indivíduo ou a incapacidade de manejá-lo, leva a uma degradação das relações sociais (Corraze, 1982).

No cotidiano, nossas relações são permeadas por estes elementos, que se entrelaçam naturalmente. Em geral, ocorre a associação da comunicação verbal e não-verbal, sem separação ou distinção de seus elementos.

No entanto, utilizando a classificação de Steinberg (1988), consideramos os elementos não verbais como: vocálicos (paralinguagem) ou não vocálicos. Entre os elementos vocálicos encontramos a entoação, a altura e a rapidez da fala. Os não vocálicos abrangem postura, expressões faciais, gestos, aparência e contato corporal.

Apesar da sua inegável importância, a linguagem como expressão concreta da comunicação verbal, em algumas situações não pode ser usada. Entre estas situações podemos citar os encontros entre pessoas que falam línguas diferentes (dentro do nosso país, temos como exemplo, os índios e os imigrantes) ou ainda, pessoas surdas. Assim como Coutinho (1996), consideramos que a compreensão da diferença entre nós e os índios e imigrantes é mais fácil, pois percebemos que eles têm uma língua diferente da nossa, quando os ouvimos falar; já com os surdos não é tão fácil: não podemos ouvi-los, daí a crença de que eles são mudos.

Durante muito tempo, o deficiente auditivo foi chamado de surdo-mudo, que significa a ausência da audição junto com a incapacidade para articular a palavra. Nos dias atuais, muitas pessoas ainda continuam com esta idéia, no entanto, aqueles que assim pensam, estão muito enganados. Os surdos não conseguem oralizar as palavras, mas não são mudos. Eles conseguem se comunicar muito bem, utilizando os recursos que lhes são disponíveis.

Na maioria das vezes, há uma tendência de desenvolver a comunicação oral entre os surdos, talvez como uma forma de aproximá-los do padrão considerado normal e, dessa maneira, possibilitar a este grupo uma melhor integração social. Essa prática segue duas linhas básicas: uma, unissensorial, que utiliza somente o canal auditivo na educação dos surdos e outra, multissensorial, que utiliza além da audição, a leitura orofacial e o canal tátil-cinestésico, mas não permite o uso do alfabeto digital ou a linguagem por sinais (Rabelo, 1990).

Porém esses métodos não são adequados a todos os surdos e, durante muitos anos, essa deficiência foi superada com o uso de gestos desconexos que só eram compreendidos por familiares ou pessoas muito próximas a este grupo.

Essa prática tornou-se comum entre os surdos e assim nasceu a necessidade de uniformizar o significado dos gestos utilizados, criando-se uma língua própria: a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Atualmente, a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida cientificamente como um sistema lingüístico de comunicação gesto-visual, com estrutura gramatical própria, independente da língua portuguesa. Dessa maneira, os surdos utilizam as mãos em combinação com os braços, cabeça e tórax e "falam" sobre tudo. Política, religião, educação, lazer, direitos, deveres, reivin-

dicações, organização e qualquer outro tema pode ser discutido entre eles mesmos ou com pessoas de audição normal (a quem os surdos chamam de ouvintes) que dominem a língua de sinais.

Cada país possui a sua própria língua de sinais, no entanto, como uma grande parte do conteúdo se relaciona com a forma de objetos e de como ser humano percebe o mundo que o cerca, existem sinais comuns entre as diversas línguas de sinais. Assim, a LIBRAS é uma sistematização destes sinais em nosso país e sofre efeitos da cultura e do regionalismo.

A linguagem de sinais ainda é pouco divulgada, até mesmo entre os surdos. Ainda é baixo o número de instrutores da LIBRAS e os livros nesta linguagem são escassos.

Em contrapartida, observamos que a socialização deste grupo é muito desenvolvida. É muito comum encontrá-los em grupos "conversando" silenciosamente, ou ainda, utilizando elementos não verbais, acompanhados de sons ininteligíveis aos nossos ouvidos.

Apesar das diferenças no processo de comunicação, acreditamos, assim como Leibovici (1990, p. 97), *que o potencial dos surdos é o mesmo que o dos indivíduos ouvintes*. Seguindo esta idéia, encontramos um valioso suporte nos fundamentos da Comunicação Total.

Segundo Ciccone (1990, p. 6), a Comunicação Total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas, onde se parte do conceito da pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença, aceita e respeitada em suas necessidades e capacidades. Dessa maneira, de acordo com esta filosofia, podemos utilizar qualquer estratégia que permita facilitar a comunicação (até então bloqueada, entre os próprios surdos e/ou entre eles e nós, ouvintes) e favoreça condições para oportunidades justas na busca dos espaços sociais a que os surdos têm direito.

Neste momento em que os diversos povos se reúnem numa imensa aldeia global, é chegada a hora de tentarmos uma comunicação mais efetiva entre nós e os surdos. Este grupo precisa da oportunidade de se inserir nesse contexto mais amplo, que é o nosso mundo de ouvintes.

Este estudo representa uma busca de semelhanças entre a comunicação não verbal utilizada pelos surdos e a usada entre as pessoas normais. Acreditamos que, dessa maneira, favoreceremos o intercâmbio entre estes grupos e facilitaremos este longo caminho que é a comunicação.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo estabelecemos como objetivo interpretar a comunicação não verbal utilizada na interação de um grupo de surdos.

METODOLOGIA

Este estudo exploratório foi desenvolvido com um grupo de surdos da ASCE (Associação de Surdos do Ceará), sediada em Fortaleza, em uma noite de sábado do mês de junho de 1997.

A amostra foi composta por um grupo aberto, que estabelecia interação no momento de uma de nossas visitas àquela instituição. Já éramos conhecidas das pessoas e com naturalidade iniciamos a filmagem, realizada em um período de 30 minutos. Findo este período, explicou-se que o intuito era decodificar a comunicação não verbal, mais precisamente, a cinésica, inserida no contexto de interação espontânea do grupo.

Após a permissão do grupo filmado, a análise do material coletado foi feita de duas formas diferentes: como primeiro passo, o filme foi assistido, individualmente, inúmeras vezes, a fim de que cada autora registrasse as suas percepções e identificasse signos e comportamentos comuns aos grupos de surdos e ouvintes. Em seguida, o filme foi assistido em grupo, buscando um estudo comparativo das percepções iniciais de cada autora e a análise das semelhanças e informações complementares do conteúdo estudado.

A análise do conteúdo seguiu a proposta de Bardin (1977), que sugere a descrição objetiva e sistemática dos dados obtidos e a divisão em categorias segundo as temáticas comuns.

Segundo Bardin (1977, p. 117), *as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico (temática), agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos*.

Nesta pesquisa consideramos dois pontos comuns entre as categorias: os signos e os comportamentos.

Signos

Os signos são associações de determinados conteúdos a expressões determinadas (Reese, 1975), que orientam o comportamento e são estudados pela semiótica.

A semiótica, ciência dos signos, está dividida em três partes: a sintaxe, que estuda o modo pelo qual os signos de várias classes se combinam para formar signos compostos; a semântica, que estuda os significados dos signos; e, a pragmática, que estuda a origem, o emprego e o efeito dos signos. Em nosso estudo, analisaremos os signos de acordo com o ramo pragmático.

Comportamentos

O comportamento, segundo Reese (1975, p. 14), pode ser definido como *qualquer movimento observável ou mensurável feito por um organismo, incluindo movimentos externos e internos e seus resultados, bem como as secreções glandulares e seus efeitos*. Com base nesta definição, neste estudo, concebemos comportamento como o conjunto de atitudes e reações do indivíduo em face ao meio social.

O comportamento humano pode ser classificado em duas espécies: respondente e operante. O comportamento respondente ou clássico ocorre sempre que uma resposta espe-

cífica é gerada por uma espécie específica de estímulo e o estímulo sempre precede a resposta.

O comportamento operante ou instrumental sofre alterações por eventos posteriores à resposta. Staats & Staats (1973) afirmam que as conseqüências que acompanham determinado comportamento afetam a ocorrência futura desse comportamento. As "recompensas" ou as "punições" a um determinado comportamento servem para estimulá-lo ou enfraquecê-lo.

VENDO OS SURDOS "FALAREM"

O grupo estudado se formou de maneira espontânea, no pátio da Associação de Surdos do Ceará (ASCE), em torno de uma mesa, ao ar livre, caracterizando um ambiente descontraído. O grupo já existia no momento da filmagem e as autoras não participaram da sua formação. O grupo não foi constante e, se constituiu de 6 a 8 pessoas, com predomínio de mulheres adultas.

A análise do conteúdo da filmagem encontra-se discriminado no quadro abaixo:

CATEGORIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NA INTERAÇÃO DO GRUPO DE SURDOS

TEMÁTICAS	CATEGORIAS
Signos	<ul style="list-style-type: none">⇒ Universais para afirmação ou negação;⇒ Exacerbação da expressão facial, se comparada a dos ouvintes;⇒ Impossibilidade do sigilo dos assuntos abordados, na presença de outros surdos;⇒ Gestos sempre acompanhados de movimentos labiais;⇒ Gestos interpretados dentro do contexto da interação.
Comportamentos	<ul style="list-style-type: none">⇒ Participação natural do grupo;⇒ Entrada e saída dos homens;⇒ Destaque de um membro durante o processo de comunicação;⇒ Comunicação diluída em sub-grupos, em alguns momentos da interação;⇒ Alheamento de alguns membros, em alguns momentos da interação;⇒ Atenção especial para o membro que está estabelecendo comunicação;⇒ A visão exerce um papel fundamental na interação entre surdos;⇒ Uso do toque para chamar atenção.

Na temática relacionada aos signos, os elementos categorizados mostraram que alguns sinais são universais. Entre estes encontramos o mover do dedo indicador de um lado

para o outro como forma de comunicar negação ou ainda o meneio de cabeça como forma de afirmação ou negação. Foram também comuns gestos para intensificar as idéias compartilhadas, tais como: tocar a palma de uma mão com a outra mão fechada. Percebeu-se ainda que o tocar dos dedos na testa expressa a tentativa de lembrar um fato.

A exacerbação da expressão facial foi percebida, quando os lábios ficavam ligeiramente afastados em momentos de espanto, ou ainda, quando o sorriso mostrava aprovação ou concordância sobre o assunto abordado. Notou-se também, que o franzir da testa demonstra sentimentos tais como: espanto, preocupação ou dúvida. O piscar de um olho indica a idéia de cumplicidade.

Observamos que os assuntos eram sempre de interesse comum e caracterizavam-se pela impossibilidade de serem sigilosos, já que o uso da expressão corporal permitia que as pessoas que conheciam os sinais, mesmo não participando do grupo, pudessem entender e interpretar a mensagem enviada. Durante a comunicação, notamos que os elementos não verbais eram sempre acompanhados de movimentos labiais. Não nos foi possível definir a causa, no entanto, acreditamos que o uso da fala é inerente ao ser humano e a deficiência é sentida por este grupo, que tenta superá-la, movimentando os lábios e emitindo sons que, para nós, são ininteligíveis.

Para nós, ficou claro que os gestos não podem ser vistos como um movimento isolado, pois o sentido da comunicação gestual é identificado dentro do contexto social onde está inserida. A harmonia dos gestos se relaciona com o significado do contexto. Um mesmo gesto pode ter significados diferentes, dependendo do assunto abordado ou da associação com outros gestos. Como exemplo, podemos citar que o toque na testa com dois dedos, indicador e médio, pode ter três significados: um cumprimento, um agradecimento ou uma referência a um dia da semana (segunda-feira).

Quanto a participação, observamos que o grupo se comportou naturalmente, sem qualquer constrangimento. Seus componentes se mostraram solícitos em participar do trabalho e sentiram curiosidade em entender como seria feita a análise. Durante a filmagem, todos se mostraram satisfeitos, o que nos levou a deduzir que este momento de interação foi importante tanto pela integração dos participantes, como pelo fato de estarem colaborando com o nosso propósito.

Percebemos, também, que os homens tiveram livre acesso ao grupo e, mesmo com a participação masculina, as mulheres continuaram com seus assuntos, que eram genéricos e variados. Porém, acreditamos que, pelo fato dos assuntos serem mais voltados aos interesses femininos, os homens se limitaram a acompanhar o desenvolvimento do grupo, não interferiram e se sentiram livres para entrar e sair do grupo, sem qualquer constrangimento.

Vale ressaltar que, consideramos os assuntos genéricos e variados devido a contribuição de um ouvinte que dominava a LIBRAS e assistiu o momento de interação do grupo.

Entretanto, apesar de alguns gestos lembrarem determinados objetos, não nos foi possível identificar os temas discutidos.

Assim como acontece nos grupos de ouvintes, um dos membros se destacou durante o processo de comunicação e os demais se mostraram atentos às mensagens emitidas.

Observamos que muitas vezes, a comunicação se diluiu entre dois ou três sub-grupos. Apesar desta divisão, não notamos dispersão entre os participantes, que, logo em seguida, voltava a interagir naturalmente. Associamos esta conduta do grupo, ao fato da comunicação não verbal depender principalmente do olhar. Dessa maneira, basta que as pessoas olhem para o seu parceiro para que a comunicação se estabeleça entre os vários membros, sem que haja poluição de mensagens dentro do grupo.

Confirmamos assim, em nosso estudo, as impressões de Davis (1979), que afirma que o contato visual pode mudar completamente o sentido de uma situação estabelecida entre indivíduos, independente de serem ouvintes ou surdos.

Com referência à atenção dos participantes, observamos que, em determinados momentos, alguns membros se alheavam do grupo e pareciam muito distantes dos assuntos abordados. Após alguns instantes, estes membros voltavam a participar do processo.

Percebemos que a maior parte dos membros acompanhava com atenção especial o emissor da mensagem. Este comportamento ficou bem caracterizado nos gestos de concordância, de espanto ou de negação, freqüentes nessa abordagem de grupo.

Outro gesto bem característico foi o toque das mãos utilizados pelos indivíduos para chamar a atenção dos outros membros. Cremos que, pela deficiência da audição, este sentido foi substituído por outro, ou seja, pelo tato.

Em linhas gerais, observamos que devido a ausência da oralização, a comunicação não verbal é mais relevante na interação dos surdos, enquanto que entre os ouvintes ela pode ser apenas complementar à comunicação verbal. Entre os surdos a comunicação não verbal é usada de forma mais consciente e objetiva um bom nível de interação grupal. Na maioria das vezes a linguagem dos surdos é gestual e global, ou seja, um único gesto pode significar uma idéia completa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi muito rico de informações quanto à comunicação não verbal. Percebemos que determinados signos utilizados pelos surdos também são usados com o mesmo significado entre os ouvintes. A expressão facial é um importante componente na comunicação e os significados dos gestos, geralmente, são interpretados de acordo com o conteúdo abordado neste contexto. A impossibilidade de haver sigilo nos assuntos abordados se confirma como uma peculiaridade na interação deste grupo.

O momento da filmagem foi uma experiência única em nossas vidas, pois nos revelou um grupo naturalmente

participativo, onde a visão, o tato e a expressão corporal representam uma alternativa de comunicação total, que pode nos aproximar dos surdos.

É interessante ressaltar que, dentro daquele contexto, a deficiência se transferia para nós, ouvintes, e, diante da comunicação estabelecida pelo grupo sentimos a necessidade de entender as mensagens transmitidas entre eles. Naquele momento, percebemos que a dificuldade de comunicação entre as pessoas ditas normais e as deficientes pode e precisa ser contornada.

Se aprendermos a utilizar com mais propriedade outros veículos de comunicação além da fala, com certeza, favoreceremos a libertação deste grupo, de um confinamento a que nós os submetemos, pela nossa falta de habilidade em desenvolver uma comunicação alternativa, que neste caso, permeará o uso dos elementos não verbais.

É preciso vencer essa distância e descobrir o potencial deste grupo que, dentro do seu mundo, estabelece um nível de comunicação efetivo e suficiente para deixar seus membros atualizados e participantes da nossa realidade.

Lembramos ainda que valorizar a comunicação não verbal como forma de expressão dos surdos será de grande relevância para a enfermagem, à medida que facilitará o acesso a este grupo e garantirá um cuidado mais próximo das suas reais necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Persona, 1977.
- CICCONE, M.M.C. **A comunicação total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990. p. 97-98.
- CORRAZE, J. **As comunicações não verbais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- COUTINHO, D. **LIBRAS**. João Pessoa: Idéia, 1996.
- DAVIS, F. **A comunicação não verbal**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- GOMES, P.G. (Org.). **A comunicação em debate**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- LEIBOVICI, Z. A família e a criança surda. In: CICCONE, M. **A comunicação total**. Rio de Janeiro; Cultura Médica, 1990. p. 97-98.
- MOREIRA, A.C. (Coord.). **Comunicação interpessoal**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- RABELO, A. S. Aplicação de abordagem oralista e de comunicação total em deficientes auditivos: estudo comparativo de duas crianças. In: CICCONE, M. **A comunicação total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990. p. 85-93.
- REESE, E.P. **Análise do comportamento humano**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- SILVA, M.J.P. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde**. 2. ed. São Paulo: Gente, 1996.
- STAATS, A., STAATS, C. **Comportamento humano complexo**. São Paulo: EPU, 1973.
- STEINBERG, M. **Os elementos não verbais da conversação**. São Paulo: Actual, 1988.